

DF abre guerra ao analfabetismo

F.GUALBERTO/GDF

Marcella Oliveira

Ensinar os 50 mil analfabetos do Distrito Federal a ler e escrever em quatro anos é a meta do governo do Distrito Federal com o projeto AbcDF, lançado ontem. Serão formadas 250 turmas em 12 Regiões Administrativas, um trabalho do GDF em parceria com seis instituições de ensino.

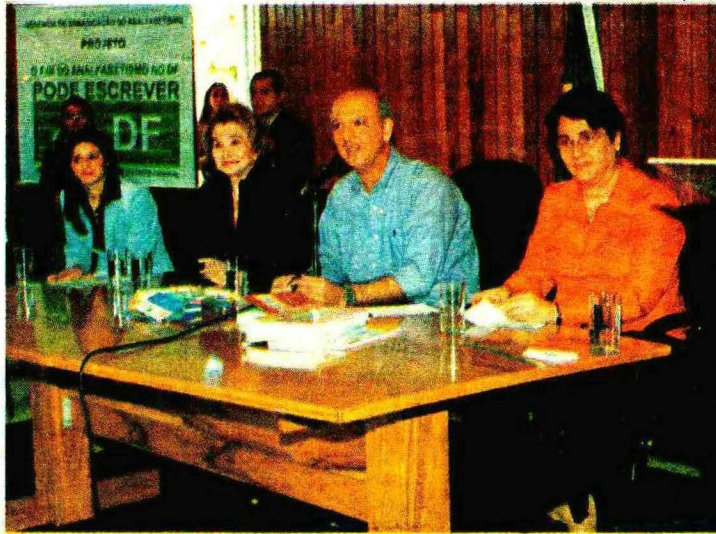
A medida é considerada *ousada* pelo governador do DF, José Roberto Arruda (DEM). O projeto de erradicação do analfabetismo na faixa dos 15 aos 59 anos é uma das prioridades do governo. Até o fim do seu mandato, em dezembro de 2010, Arruda não quer ninguém no DF sem saber ler ou escrever.

— É muito ousado, chega a ser utopia. Mas Brasília não foi construída em três anos e meio? Não é possível que a gente não dê conta no mesmo período de erradicar o analfabetismo — declarou o governador.

O projeto será coordenado pela Gerência de Erradicação do Analfabetismo, e é uma parceria entre as secretarias de Educação, de Governo, de Planejamento e Desenvolvimento Social e Trabalho. De acordo com a coordenadora do projeto, Eurides Brito, cada aluno receberá material didático para os oito meses de curso. Cada curso deve formar 10 mil alunos.

— Esses alunos serão encaminhados ao sistema regular de ensino e terão prioridade nos cursos de capacitação da Secretaria de Desenvolvimento Social. Não vamos abandoná-los, queremos também inseri-los no mercado de trabalho — garantiu Eurides Brito.

Arruda destacou que a alfabe-



Lançamento do programa: Arruda pretende erradicar analfabetismo

tização é ainda uma maneira de combater o desemprego no DF, que hoje atinge cerca de 220 mil pessoas.

— Ao aprender a ler e escrever, os alunos poderão se capacitar para arrumar um trabalho. Alfabetização está diretamente ligada com a qualidade de vida, a auto-estima e a empregabilidade. Tudo o que estiver ao nosso alcance para que esse projeto cumpra as metas, que são ousadas, nós vamos fazer — disse Arruda. — Meu pai aprendeu a ler e escrever já velho e sei o quanto isso é importante para a melhoria da vida das pessoas — acrescentou.

Segundo Eurides Brito, a maior concentração de analfabetismo no DF ocorre em Itapoã, Arapoanga, Samambaia, Estrutural e Ceilândia. As turmas serão montadas por monitores, que escolherão o local das aulas e rece-

berão R\$ 120 por turma, além de R\$ 7 por aluno matriculado. Em cada cidade, onde houver escola pública, a aula será nela. Caso não haja, salões de igrejas e até mesmo residência poderão abrigar as turmas.

Cerca de 70 universitários que fazem parte do Bolsa universitária atuarão para evitar a evasão. Os alunos que tiverem mais de duas faltas serão procurados por esses universitários, para que voltem a frequentar as aulas. As instituições de ensino parceiras são o UniCeub, Universidade de Brasília (UnB), Unicesp, Iesb, Faculdade Santa Terezinha e Universidade Católica de Brasília.

— Estamos interessados em que esse programa dê certo. Ficamos com a responsabilidade de não só alfabetizar, mas mudar a vida dessas pessoas com outros projetos — disse Eda Coutinho, reitora do Iesb.